

# A MULTICULTURALIDADE OTOMANA. IMIGRANTES JUDEUS DO IMPÉRIO OTOMANO NO BRASIL

*Rachel Mizrahi\**

**Resumo:** a convocação obrigatória para o serviço militar, o desemprego, a pobreza e outros motivos gerados no fim da Primeira Guerra Mundial levaram a que sefaradim e judeus-orientais emigrassem para a América. Embora o Brasil não fosse o local de preferência, algumas famílias desses imigrantes se instalaram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nessas cidades, sefaradim e judeus-orientais organizaram-se em comunidades com características distintas dos judeus de outras origens, que também emigraram no mesmo período. Estudos comparativos entre esses imigrantes nos levaram a considerações interessantes e pouco aprofundadas por aqueles que se dedicam aos estudos da imigração judaica no Brasil. Os dirigentes dessas primeiras comunidades do Oriente Médio no Brasil receberam em suas sinagogas os imigrantes, seus conterrâneos, que chegaram a partir da década de 50 do século XX.

**Palavras-Chave:** Sefaraditas, Judeus Orientais, Árabes/Otomanos, Oriente Médio, Imigrantes.

**Abstract:** the obligatory requirement to join the Turkish army in the first decade of the XX th. Century, unemployment, poverty and conflicts between the ethnic groups in the old Ottoman Empire, lead the Sephardim (Jews from the Iberian Peninsula) and the Oriental Jews (Arabic-speaking Jews) to migrate to the Americas. Although some of these immigrants preferred to settle themselves in Argentina, Uruguay or Chile, a few families settled in Rio de Janeiro and São Paulo.

Sephardim from Izmir, Istanbul, Rhodes Island and other places of the present Turkish Republic and the Oriental-Jews from Sidon, Beirut, Safed and from other cities of old Palestine organized themselves in communities different and distinct of those of the Askenazim (Yiddish-speaking Jews from Central and Oriental Europe), that migrated in that same period.

---

\* Autora de: Imigrantes Judeus do Oriente Médio em São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Comparative studies of those communities lead us to unheard of conclusions on studies on the Jewish immigration into Brazil. After studying the Jewish communities in the Ottoman Empire we analysed their insertion into the Brazilian society.

Leaders of the first Middle-Eastern communities in Brazil received in their synagogues Jewish immigrants of their same geographic origin that immigrated into Brazil in the 1950's, after conflicts started between Muslims and Jews following the foundation of the State of Israel.

Key words: Ottoman Empire, Multicultural Identity, Immigration Oriental Jew, Sefardi Jew.

Os Otomanos, povo de origem asiática, iniciaram conquistas em direção à Anatólia e Oriente Médio a partir de 1291. Em 1453, depois de conquistar a cidade de Constantinopla, capital do Império Bizantino e baluarte do cristianismo no Oriente, os otomanos ampliaram o domínio sobre extensas terras que iam da Península Balcânica ao Rio Danúbio na Europa e da Anatólia às regiões do Império Árabe e ao norte da África. Em meados do século XVII, absorvendo a Palestina e a Arábia, os otomanos atingiram a máxima extensão do Império, dominando em um único bloco terras dos Mares Negro, Egeu, Vermelho e do Golfo Pérsico, herdando do Islã as grandes concentrações urbanas do Oriente Médio<sup>1</sup>. Istambul, antiga Constantinopla, foi capital desse imenso Império que perdurou até pouco depois do final da I Grande Guerra.

Convertidos ao islamismo e conscientes do fracasso das tentativas de imposição religiosa e cultural, os otomanos posicionaram-se nas terras conquistadas compondo uma ampla sociedade pluralista, considerando oportunas e vantajosas as possibilidades de riquezas advindas da tolerância<sup>2</sup>. Diante das diferenças étnico-religiosas e conscientes das possíveis animosidades que poderiam surgir entre os habitantes do Império – muçulmanos, cristãos e judeus —, os otomanos adotaram um sistema administrativo conveniente<sup>3</sup>. Cada grupo religioso organizar-se-ia em

---

1. Os 400 anos do domínio otomano podem ser sistematizados da seguinte forma: de 1300 a 1402 – período da ascensão do Primeiro Império; apogeu, de 1555 a 1789 e período da desagregação territorial e política do Império: de 1789 a 1914.

2. O Corão manifesta-se de forma clara e inequívoca sobre o judaísmo e o cristianismo, reconhecidos como “formas primitivas, incompletas e imperfeitas do Islã, mas depositárias de uma genuína, ainda que distorcida revelação divina”. In: Stillman, Norman A. *The Jews of Arab Lands. A History and Source Book*. Philadelphia: The Jewish Publication of America, 1979, p.25.

3. Os judeus apresentavam-se com vantagens quando comparados a outras minorias do Império: não ofereciam ameaça política, nem desafio à fé oficial e, tampouco, disputavam com os muçulmanos a adesão dos pagãos. Já os cristãos, praticantes de uma religião proselitista e competitiva, constituíam-se em uma ameaça potencial, visto serem senhores de vasto Império adversário. Os positivos contatos entre otomanos e judeus permitiram

comunidades próprias e autônomas, denominadas Millet, dirigidas por um chefe religioso, responsável pela administração e cumprimento das leis. Além da religião, o responsável pela Millet cuidava dos deveres e responsabilidades dos participantes comunitários, da segurança coletiva e pagamento dos impostos à classe dominante otomana.

A harmonia e a tranqüilidade social constituíam os principais objetivos do sistema organizado pelos otomanos, cujo poder emanava do sultão, personagem central que vivia em um majestoso palácio conhecido, nos círculos diplomáticos, como La Sublime Porte ou La Porte. O soberano constituía a chave do sistema otomano, ponte da lealdade entre governantes e governados. Durante quatro séculos este sistema funcionou e se tornou fator básico de estabilidade em distintos espaços. Por meio dele, diferentes grupos culturais mantiveram-se separados, reduzindo ao mínimo possíveis focos de conflito. Baseado nessa organização administrativa, o Estado Otomano estruturou-se em uma sociedade multicultural.

### **Comunidades Judaicas do Império Otomano**

Ao acessar as conquistas, os otomanos passaram a dominar numerosas comunidades judaicas, entre as quais, as organizadas por moçárabes e sefaraditas.<sup>4</sup>

Os moçárabes, conhecidos, hoje, como judeus orientais, viviam nas terras árabe-muçulmanas desde meados do século VII. A convivência de 13 séculos entre judeus e árabes aproximou-os em larga medida, alimentando uma tradição judaico-islâmica, paralela à judaico-cristã do mundo ocidental. A longa convivência levou judeus a assimilar traços da cultura árabe como o idioma, a música, a dança, os costumes alimentares e o forte patriarcalismo. Embora intensa, a “arabização” não atingiu a religião e as tradições.

Os sefaraditas<sup>5</sup> chegaram às terras otomanas a partir da expulsão da Espanha em 1492 e da Conversão Forçada em Portugal em 1497, estabelecendo-se no Império quase do mesmo modo que na Península Ibérica dos áureos tempos<sup>6</sup>. No

---

laços sólidos de identidade numa convivência secular de mútuo e duradouro respeito.

4. As dispersões dos judeus por diferentes espaços geográficos produziram um povo de 16 grupos culturais que, embora identificados pela fé e tradições religiosas (interiorizadas antes das diásporas e preservadas nas terras onde se instalaram), apresentam-se hoje com valores, costumes e idiomas diferenciados.

5. O termo sefaradita ou sefaradi designa os judeus da Península Ibérica e seus descendentes. Sepharad (provável região da Ásia Menor) era o nome judaico da Ibéria. Os sefaraditas diferenciam-se dos orientais por se expressarem em ladino ou judezmo-espanõl, misto de termos em português/espanhol medieval, palavras árabes, hebraicas e de outras origens.

6. A expulsão, decretada pelos reis católicos Fernando e Izabel, e a conturbada decisão de D. Manoel I acabaram com a convivência entre muçulmanos, judeus e cristãos da Península Ibérica medieval.

período, o sultão Bayasid II (1481-1512) e sucessores perceberam os préstimos e conhecimentos dos sefaraditas, úteis não só para a expansão e desenvolvimento do comércio regional e internacional, como ao incremento das finanças, da diplomacia, negócios bancários, corretagem e na ourivesaria<sup>7</sup>. Em pouco tempo, os refugiados acabaram designados pelos dirigentes otomanos para importantes cargos político-administrativos, participando, inclusive, da estratégia de colonização de diversas áreas do vasto Império.

Um notável exemplo da proximidade entre otomanos e sefaraditas é a mulher do magnata português Francisco Mendes. Em 1537, Grácia Mendes, ao ficar viúva, assumiu os negócios do marido na Europa, posicionando-se depois como conselheira dos negócios exteriores dos sultões Suleiman e Selim II<sup>8</sup>. O sobrinho, Joseph Nasi, nobilitado por Suleiman como Duque de Naxos, idealizou com a tia um plano de colonização de conterrâneos na cidade de Tiberíades. A idéia não se concretizou pela preferência sefaradita por cidades cosmopolitas como Istambul, Esmirna e Anatólia<sup>9</sup>.

Quando chegaram às terras otomanas do Oriente Médio, os sefaraditas iniciaram contatos com judeus de outras origens. O encontro provocou dúvidas recíprocas, fenômeno que ocorreu em cada região do Império onde os judeus ibéricos se instalaram. Uma característica comum os identificava: a determinação de conservar a identidade cultural preservando a origem, o idioma, as tradições e os costumes religiosos. O trauma da expulsão das terras de origem parecia não ter sido superado, pois tanto portugueses como espanhóis exilados em diversas terras otomanas permaneceram ligados às suas origens e tradições ancestrais. Embora atentos e observantes dos preceitos religiosos e familiares, esses judeus mostraram-se, paralelamente, abertos e receptivos ao meio cultural que os cercava.

O orientalista Issachar Ben Ami, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, diz que a interação cultural entre esses dois grupos no Império Otomano seguiu três cursos distintos: assimilação total dos exilados entre os autóctones; preservação completa ou parcial da cultura dos exilados e influência direta e

---

7. O sultão Bayasid chegou a questionar a sabedoria de Fernando II ao despovoar seus domínios e enriquecer os dele. In: ROTH, Cecil. *Pequena História do Povo Judeu*. Terceiro vol. (1492- 1962). São Paulo: CIP, 1964, p.33.

8. Grácia ou Beatriz Mendes de Luna, famosa pela beleza e benemerência, depois de viver em cidades como Antuérpia e Veneza, instalou-se, a conselho do sobrinho, ao lado dos dirigentes otomanos. In: Azevedo, J. Lúcio. *História dos Cristãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Portuguesa, 1921, p. 368 e seg.

9. “Doña Gracia Nasi e Joseph Nasi, Duque de Naxos” (1579). In: *Morashá*, Revista da CBSP. São Paulo, abril e setembro de 1998.

recíproca entre os dois grupos<sup>10</sup>. O historiador informa que a interação entre os grupos dependeu do número de participantes envolvidos, do meio e da maior ou menor aproximação entre os grupos.

O centro de convergência sefaradita no Império foi Istambul. A capital otomana era uma verdadeira praça de câmbios, onde produtos do velho e novo mundo eram comercializados. Nessa cidade, considerada “mãe das comunidades judaicas”, o Chaham Bashi – líder religioso – era consagrado pelo sultão<sup>11</sup>. Depois de Istambul, Esmirna, Salônica e a Ilha de Rodes foram cidades de grande concentração sefaradita. Amparados e protegidos, vivendo próximos ao poder, os sefaraditas mantinham-se respeitosos em relação às autoridades otomanas constituídas, identificando-se com suas necessidades e anseios em distintas épocas.

Geograficamente distantes do Poder Otomano, os judeus orientais, nas mais antigas comunidades judaicas do Oriente Médio, mantiveram convivência de séculos com os muçulmanos da Síria e da Palestina, resultando, como acima dissemos, uma simbiose entre os dois grupos religiosos. As raízes comuns das línguas árabe e hebraica, as regras do matrimônio, da poligamia e as leis religiosas dietéticas prestaram-se para aproximá-los em larga medida. Os árabes, em maior número nas províncias otomanas, estabeleceram relações econômicas e sociais com os judeus, minoria com a qual mais se identificavam.

Na cidade de Damasco, considerada como o “Portão do Jardim do Éden”, as comunidades judaicas viveram em consonância com os árabes muçulmanos. As amistosas relações entre os dois grupos foram, aos poucos, se perdendo, sobretudo, quando os cristãos europeus instalaram-se na Síria. Em 1840, na cidade de Damasco, a denúncia de um “crime ritual”<sup>12</sup> atribuído aos judeus foi o estopim para a quebra do equilíbrio e da tolerância religiosa na Síria. O crime, conhecido como “Caso Damasco”, foi o assassinato do frade capuchinho Thomas de Camangiano e de seu criado e serviu de pretexto para o anti-semitismo. Os capuchinhos, mancomunados com o cônsul da França, acusaram os judeus dos crimes, exigindo a punição do principal suspeito. Salomon Negrin foi torturado até “confessar culpas”, seguido por outros judeus que foram presos e também torturados. A fraude foi mais tarde descoberta. Embora os otomanos retomassem a proteção aos judeus na Síria, o

---

10. Ben Ami, Issachar. *Sephardi and Oriental Jewish Heritage*. Universidade Hebraica de Jerusalém, 1982. In *Identidade Sefaradi: Aculturação e Assimilação*. Novinsky e Kuperman. *Ibéria Judaica. Roteiros da Memória*. São Paulo, EDUSP, 1996, p.343 e seg.

11. A autoridade do “Chaham Bashi” estendia-se das comunidades do Império até as da Palestina. O significado tradicional dessa autoridade é, até hoje, respeitado.

12. O “crime ritual” foi um mito anti-semita, desenvolvido na Europa medieval. Acreditava-se que os judeus utilizavam-se do sangue de uma criança cristã para preparar o pão ázimo na Páscoa Judaica.

anti-semitismo sírio cresceu e levou muitos a buscar refúgio na região do atual Líbano e Egito.

No Noroeste da Síria, Alepo, conhecida no texto bíblico como Aram Tzobá e organizada segundo o modelo da antiga Babilônia, foi importante centro do judaísmo<sup>13</sup>. De ininterrupta vida judaica, Alepo<sup>14</sup> tornou-se célebre por guardar em sua Grande Sinagoga antigos pergaminhos, entre os quais, o “Codex de Alepo”, a “Coroa” da Torá, venerável e respeitado manuscrito hebraico, a “Bíblia do Egito” estudada em fins do século IX pelo sábio Aron Ben Asher<sup>15</sup>. Segundo a tradição judaica, foi nos recintos da Grande Sinagoga de Alepo que os sábios redigiram comentários do Talmud Babilônico, no século V<sup>16</sup>. Ao lado do significado religioso, Alepo, posicionada entre Europa, Ásia Central e Índia, transformou-se em pólo econômico terrestre do Oriente Médio em direção às terras europeias e as do distante Extremo Oriente. Ao se desenvolver o comércio de importação e exportação de produtos diversos, numerosos comerciantes europeus afluíram à cidade.

A máxima extensão imperial otomana foi conseguida em 1863 na posse das antigas Jerusalém e Safed, cidades com grande significado emocional para os judeus do Império e da Diáspora. A expressividade de Jerusalém se encontra no “Muro das Lamentações”, parte da grande ala do Segundo Templo, erguido em 518 a.C. sobre os alicerces do primeiro, inaugurado pelo rei Salomão em 960 A.E.C. Na cidade, uma comunidade original subsistiu em congregações amparadas por filantropos do mundo judaico europeu.

A cidade de Safed aglutinava judeus, não só pela aura de uma antiga origem, mas por ter sido núcleo administrativo e econômico do Império Otomano na Palestina. Identificada nos antigos documentos como Sepph, Safed situa-se na Alta Galiléia, a 850 m acima do nível do mar. O clima agradável, a disponibilidade de água potável e a proximidade de Sidon, porto mais ao norte, favoreceram sua prosperidade. A entrada de cabalistas espanhóis como Isaac Ben Salomão Luria (1534 -1572) transformou Safed em um centro de estudos judaicos e místicos. Os conhecimentos da Cabala<sup>17</sup> difundiram-se pelas comunidades judaicas da Turquia,

---

13. Babilônia foi o local do primeiro exílio de judeus depois da destruição do Primeiro Templo de Jerusalém, em 586 a C.

14. Alepo é conhecida pelos seus habitantes como Halab, termo que, em hebraico e árabe, significa leite. Segundo se crê, “o Patriarca Abraham em direção à Canaã parou na região com seu rebanho”.

15. Isaac BenTzvi. “Corona de la Torá” de Ben Asher. In Los judíos de Alepo. Jerusalém, Instituto de Estudos Judaicos da Universidade Hebraica de Jerusalém. Israel s/d. pg.3.

16. Talmud: registro comentado da Torá. In Rifka Berezin. O Keter – a “Coroa” de Alepo. Revista Morashá, dezembro 1999.

17. Cabala: concepção mística, cosmológica e especulativa da antiga tradição judaica.

dos Bálcãs e da Europa central, constituindo-se parte normativa do judaísmo, a partir do século XVI<sup>18</sup>.

Em Safed, os sefaraditas, experientes na indústria têxtil, fizeram com que o vilarejo fosse transformado em importante centro urbano. Agradecidas pelo apoio e proteção otomana, quinhentas famílias judias, politicamente confiáveis, transferiram-se em 1577 às recém-conquistadas terras otomanas da Ilha de Chipre<sup>19</sup>.

Em meados do século XVIII, Beirute transformou-se em alicerce regional, por permitir a entrada de embarcações de grande porte. Além do significado do porto, ponto inicial dos peregrinos em direção à Terra Santa<sup>20</sup>, a cidade foi procurada por habitantes judeus do mundo otomano, entre os quais os de Alepo e de Damasco. Os maronitas, originários da antiga seita fundada por Juan Marón no século VII, constituíam maioria cristã, protegida por europeus que se mantinham em posições privilegiadas na cidade libanesa.

Assim que o exército de Napoleão Bonaparte deixou o Egito, Muhammad Ali conseguiu do sultão otomano a outorga do poder egípcio de 1805 a 1849. Pretendendo uma política de tolerância e conformação social, Muhammad estabeleceu tribunais civis, delimitando o poder religioso das minorias. Comunidades judaicas mantinham-se bem nas cidades de Alexandria e Cairo. A abertura do Canal de Suez em 1869 favoreceu o desenvolvimento do Egito e de outras regiões do Oriente Médio pelo incremento dos transportes, mercadorias e atividades bancárias. Elo entre Ásia, África e Europa, o Egito transformou-se em ponte comercial de mercadorias entre as cidades de Paris, Marselha, Madri, Barcelona, Nápoles, Trieste, Gênova e Veneza, de um lado, e as de Alexandria, Atenas, Istambul, Beirute, Alepo, Haifa, Tel-Aviv e Jerusalém, de outro.

---

18. Johnson, Paul. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995, p. 271.

19. Lowry, H. W. "When did the sephardin arrive in Salonica". In Avigdor Levy (org). *The Jews of Ottoman Empire*. Washington D.C., 1994, p. 203 e seg.

20. O imperador brasileiro D. Pedro II, a esposa Teresa Cristina e comitiva iniciaram peregrinação à Terra Santa, pela cidade de Beirute. In Reuven Faingold. *D. Pedro II na Terra Santa. Diário de viagem, 1876*. São Paulo: Ed. e Liv. Sêfer, 1999.

## **Ruptura do Império Otomano**

Em 1856, os otomanos, adaptando-se às circunstâncias, abriram canais de contatos — comerciais e diplomáticos — com o Ocidente, abolindo as antigas restrições legais das minorias, impostas pelos árabes desde tempos medievais. A partir dessa determinação, os súditos do Império Otomano foram declarados “iguais, independentemente de sua religião”<sup>21</sup>.

A pressão econômica e a efetivação da presença dos europeus no Império levaram a que lhes fossem concedidas vantagens político-econômicas, institucionalizadas pelas “Capitulações”. Tratava-se de privilégios concedidos a estrangeiros que viviam nas terras otomanas e não estavam submetidos às suas leis e determinações. Essa deliberação levou a que os grupos minoritários se distanciassem dos dirigentes otomanos, pois, ao conseguir identidades ou passaportes estrangeiros, cristãos e judeus passaram a exercer atividades comerciais, sobrevivendo às eventuais desordens políticas.

Diante da perda de várias regiões do Império, no decorrer do século XIX, os otomanos se tornaram impotentes e em inferioridade. Extinto o poder dos Janízaros — componente principal da infantaria e virtual controlador de poder dos sultões — oficiais europeus foram contratados para a instrução militar otomana, criando-se um exército equipado e organizado nos moldes ocidentais. Reformas foram implementadas no sistema de recrutamento, na carreira militar e no soldo, com o objetivo de submeter toda a população masculina do Império ao serviço militar obrigatório, incluindo as minorias religiosas, anteriormente liberadas da função.

Para que essas revolucionárias reformas fossem efetivadas e democraticamente aplicadas era necessário que a posição autocrática do sultão e da classe governante fosse abrandada. Em 1908, o movimento liderado pelos “Jovens Turcos” depôs o sultão Abdül Hamid II, buscando “adaptar o islamismo à ciência e ao progresso”<sup>22</sup>. Objetivando uma sociedade laica, os líderes do movimento pretendiam, além da emancipação da mulher, abolir a poligamia, adotar a lei civil, o desenvolvimento da indústria, do comércio e a otomanização dos súditos do Império.

---

21. Lifshitz, Linda Dabbah de. *La inmigración de los judios de Alepo. Los Judios de Alepo en México*. México: Maguen David, 1989, p.104.

22. No período, um documento do Itamaraty nos informa que a Revolução de 1908 ou dos Jovens Turcos “foi uma das burlas colossais e que tem surpreendido a boa fé da opinião pública européia; o movimento era liberal e constitucional apenas na superfície...seu verdadeiro caráter era nacionalista ou antes otomano, já que cumpre não esquecer que, no Oriente Médio, nacionalidade significa raça e religião”. Doc. n.º. 6 553. Atenas, 21/6/1914, AHI/RJ.



No período, o antagonismo entre as grandes nações europeias — Inglaterra, França e Alemanha — refletia-se não somente na competição por mercados, mas no interesse de explorar os recursos minerais da região, como o petróleo. A beligerância nos Bálcãs, a ingerência russa em várias regiões do Império Otomano, a construção da Estrada de Ferro Berlim-Bagdá e a tomada da Líbia pela Itália levaram nacionalistas turcos a se posicionar ao lado da Alemanha quando a Primeira Guerra Mundial foi iniciada. O conflito destruiu por completo a velha ordem europeia e a do Império Otomano.

A inoperância administrativa dos Jovens Turcos levou à anarquia política e ao caos social e econômico das regiões controladas, retalhando completamente o Império. Resistindo às forças vencedoras da Primeira Guerra, Kemal Pachá, o Atatürk, o Pai dos Turcos, transformou-se em instrumento efetivo das rápidas e fundamentais reformas na estrutura política da atual República da Turquia. Eliminando as divisões sociais herdadas do passado, Atatürk conseguiu uma sociedade “homogênea, democrática e moderna”<sup>23</sup>. Em 1928, a Turquia declarou-se laica, afastando-se do conservadorismo do Estado. Essa diretriz transformou a República na primeira nação islâmica a secularizar o islamismo, ato que correspondia às necessidades de uma sociedade moderna.

As correntes de renovação política a partir de 1909 não atingiram os grupos religiosos do Império. A maior insegurança das minorias religiosas foi revelada pela obrigatoriedade do serviço militar instituído nos domínios otomanos, pois a extensão das terras levava a que o serviço durasse muitos anos, impedindo o cumprimento das obrigações religiosas e familiares. Diante dessas drásticas mudanças, muçulmanos, cristãos e judeus optaram pela emigração, pois a perda das vantagens tradicionais passou a ser vista como início do processo coercitivo de integração à nação turca.

### **Imigrantes do Oriente Médio no Brasil. Os judeus.**

Os primeiros imigrantes do Oriente Médio chegaram ao Brasil a partir de 1876, depois da viagem do Imperador D. Pedro II com família e comitiva à Terra Santa. O fluxo imigrante se manteve contínuo.

A precariedade das comunicações no início do século XX fez com que os acontecimentos do Oriente Médio chegassem ao Brasil com retardo. O governo inteirava-se do Oriente Médio por meio dos escritórios de representação, instalados nas cidades gregas de Atenas, Salônica e Alexandria, no Egito. Os primeiros documentos do Oriente Médio, existentes no Arquivo Histórico do Itamaraty, são

---

23. LIFSHITZ, Linda D. de. Op. Cit. p. 104 e 105.

fragmentários. O cônsul de Atenas, Carlos Magalhães de Azevedo, informa-nos que, em 1914, não havia “cidadão brasileiro no Império Otomano, mas existia um grande número de cidadãos otomanos no Brasil”<sup>24</sup>.

Dados estatísticos de 1908 a 1922 indicam a entrada no porto do Rio de Janeiro de 50.766 “turco-árabes” compostos por cristão-maronitas, muçulmanos e judeus. Originários do desmoronado, mas ainda constituído Império Otomano, esses imigrantes foram registrados nos livros oficiais como turcos ou turco-árabes, sem especificação religiosa<sup>25</sup>. O professor Oswaldo Truzzi demonstrou que esses imigrantes compunham, em 1920, a quarta etnia em São Paulo, com 19.290 pessoas<sup>26</sup>. Fortunato Sellan, cônsul honorário que representava nossos interesses em Beirute, teve oportunidade de recepcionar, em 1925, os primeiros peregrinos cristãos, procedentes do Brasil, em visita às Terras Santas, utilizando o mesmo roteiro de D.Pedro II<sup>27</sup>.

A proverbial violência militar otomana contra grupos de oposição e minorias étnicas — armênias e curdas —, amplamente divulgada pela imprensa internacional e pela correspondência diplomática do início do século XX, fez com que os imigrantes do Oriente Médio no Brasil rejeitassem uma origem “turca”<sup>28</sup>. Associados ao estereótipo da época, os emigrantes dos atuais Estados da Síria e do Líbano assumiram a identidade sírio-libanesa no Brasil <sup>29</sup>.

Da cosmopolita Beirute emigraram muçulmanos, cristão-maronitas, judeus e armênios da Anatólia, refugiados da “tirania turca”<sup>30</sup>. O cônsul honorário, Fortunato Sellan, emitiu passaportes aos designados por “cartas-de-chamada”, emitidas no Brasil.

---

24. Ofício de Carlos Magalhães de Azevedo, cônsul de Atenas ao General Lauro Müller, Ministro de Estado das Relações Exteriores. Athenas, 12 de junho de 1914. Doc. 5743. Vol. 202/2/6. AHI/RJ.

25. Ofício de J. Mesquita Barros, diretor interino da Diretoria do Serviço de Povoamento do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio do Rio de Janeiro em 26 de setembro de 1923. Doc. 158. Vol. 293/3/4. AHI/RJ.

26. TRUZZI, Oswaldo. *De Mascates a Doutores: Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré - Série Imigração. 1992, Cap.I.

27. Ofício de Fortunato Sellan, cônsul de Beirute, ao Dr. José F. Alves Pacheco, Ministro de Estado das Relações Exteriores. Beirute: 28 de julho de 1925. Doc. nº. 573. Vol. 238/1/17. AHI/RJ.

28. Ofício de Carlos Magalhães de Azevedo, cônsul de Atenas ao General Lauro Müller, Ministro de Estado das Relações Exteriores. Athenas, 28 de junho de 1914. Doc. 6553. Vol. 202/2/6. AHI/RJ.

29. O Líbano conseguiu autonomia política em 1943 e a Síria, em 1946.

30. Segundo o ofício de Álvaro da Cunha de Atenas ao General Lauro Müller, Ministro de Estado das Relações Exteriores. Athenas, 4 de outubro de 1914. Doc. nº. 8.718. Vol. 202/2/6. E de Fortunato Sellan, cônsul de Beirute, ao Ministro das Relações Exteriores. Beirute, 16 de novembro de 1922. Doc. nº. 185. Vol. 263/2/7. AHI/RJ.

Natal, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos, primeiras cidades-porto da América do Sul, receptoras de mercadorias, abrigaram os imigrantes do Oriente Médio, sem destino certo. Parte dos viajantes, cansada da longa travessia no mar, atraída pelo exotismo da terra e pela luminosidade tropical, tomava a decisão de permanecer na terra.

No século XX, a primeira corrente imigratória do Oriente Médio ao Brasil foi basicamente masculina e constituída de rapazes. Os fortes laços de família, os sentimentos de pertinência cultural e religiosa impediam que a decisão de permanecer fosse definitiva. Quando as condições permitiram, os retornos às terras de origem foram comuns. A maioria, depois de encontrar esposa da mesma origem e religião, retornava; os já casados na terra brasileira enfrentavam problemas. Documentos informam que as esposas cristãs, mal recebidas pelas famílias muçulmanas dos maridos, vendo-os retornar aos costumes locais, procuraram ajuda no consulado brasileiro para voltar com seus filhos ao Brasil.

A urbanização progressiva do Sudeste brasileiro, decorrente da expansão industrial nas primeiras décadas do século XX, abrindo perspectivas para múltiplas atividades comerciais, possibilitou aos imigrantes do Oriente Médio estabelecerem-se não só nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, mas nas suas zonas suburbanas e rurais, onde existiam mercados para produtos de venda “à prestação”. Essa modalidade comercial permitiu enfraquecer a tradicional dependência dos colonos em relação aos proprietários dos armazéns do meio rural. Carregando cortes de tecidos, armarinhos, guarda-chuvas e pequenos produtos nas malas, braços e ombros, o imigrante do Oriente Médio, conhecido como o turco da prestação, em pouco tempo, instalava-se no comércio lojista.

Os imigrantes do Oriente Médio estabeleceram-se no Rio de Janeiro no “corredor de passagem da Estrada de Ferro Central do Brasil em direção ao centro de trabalho e financeiro da cidade”. Na Rua da Alfândega, conhecida como Rua dos Turcos, residiam famílias muçulmanas, cristã-maronitas e judias em um espaço de respeito e cordialidade. Local de residência e de trabalho, a área ficou conhecida como “Pequena Turquia”. Em 1962, projetos urbanísticos da área central do Rio de Janeiro levaram a que os comerciantes se organizassem em um órgão de representação, o SAARA – “Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega”. Iniciada a sociedade para defesa de interesses comerciais, os componentes do SAARA construíram amizades duradouras, independentes das diferenças culturais e religiosas<sup>31</sup>. A primeira diretoria da SAARA foi constituída

---

31. A Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega (SAARA) foi criada em 1962, por comerciantes da região ameaçada por um projeto urbanístico que pretendia cortar ruas. In RIBEIRO, Paula.

por brasileiros, descendentes de portugueses, sírio-libaneses, muçulmanos, judeus e cristão-armênios. Em São Paulo, da mesma forma, os imigrantes do Oriente Médio de diferentes origens culturais e religiosas compuseram grupos comerciais e de amizade no bairro do Brás, em torno das ruas do Oriente e 25 de Março.

Os primeiros imigrantes judeus do Oriente Médio que chegaram ao Brasil fizeram parte, portanto, de uma corrente maior constituída por “sírio-libaneses”, maronitas e muçulmanos que vieram de forma espontânea e sem qualquer ajuda oficial.<sup>32</sup>

A maioria dos emigrantes sefaraditas do Império Otomano, pertencente aos quadros das classes média e alta, de vida estável, sentindo-se igualmente insegura com as transformações políticas, expressas pelo movimento de 1908, emigrou. A insegurança se ampliou pelo anti-semitismo introduzido no Oriente Médio por europeus e freqüentemente utilizado como arma política da liderança muçulmana e cristã.

A perda da autonomia comunitária, do direito de arrecadar fundos para manter as sinagogas, as obras de caridade, o ensino da religião e da língua hebraica, transformou-se em motivo de maior insatisfação na emigração de retorno ao Ocidente. Além dos países europeus, os sefaraditas buscaram os E.U.A., o Canadá e, particularmente, a América Latina pela proximidade do espanhol com o ladino, idioma-mãe dos sefaraditas. Os que permaneceram nos primeiros portos do Atlântico Sul, Salvador e Recife, surpreenderam-se com a semelhança entre o ladino e o português.

Os judeus orientais, de fala árabe e condições simples, instalando-se nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, tiveram, como os ashkenazitas, de fala iídiche<sup>33</sup>, dificuldades iniciais de entrosamento pelas diferenças de idioma. Maioria do conjunto dos imigrantes judeus, os ashkenazitas eram procedentes de diversos países europeus.

Embora “minoría da minoría”, os imigrantes judeus do Oriente Médio no Brasil ergueram sinagogas e criaram instituições, mantendo tradições e costumes de suas comunidades de origem. A esses primeiros imigrantes, juntaram-se, na segunda metade do século XX, numerosas famílias procedentes dos países árabes que, pela

---

“Saara”: uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro. PUC/São Paulo, Dissertação de Mestrado mimeografada, agosto 2000.

32. Os 500.000 judeus do Oriente Médio compunham a quinta maior comunidade da Diáspora. In: McCarthy, Justin. Jewish Population in the late Ottoman Period. Avigdor Levy. *The Jews of Ottoman Empire*. Princeton, N.J. Washington, D.C. 1994, p.375.

33. Misto de termos alemães, russos, eslavos e palavras hebraicas.

rígida oposição ao Estado de Israel (sancionado pela ONU, em 1948), provocaram a desarticulação das seculares comunidades judaicas lá instaladas, o que levou seus membros a buscar refúgio em países como o Brasil, onde puderam viver e trabalhar com tranqüilidade<sup>34</sup>.

### **Bibliografia:**

- AZEVEDO, João Lúcio. *História dos Cristãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Portuguesa, 1921.
- BENSASSON, H. H. BEN (org.). *Historia del pueblo judío*. Tel Aviv, e Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- FAINGOLD, Reuven. *D. Pedro II na Terra Santa. Diário de viagem: 1876*. São Paulo: Sêfer, 1999.
- FAUSTO, Boris. *Negócios e Ócios - Histórias da Imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Fazer a América. A Imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- KNOWTON, Clark. *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1961.
- LEWIS, Bernard. *Judeus do Islã*. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1990.
- MIZRAHI, Rachel. *A Inquisição no Brasil: Um capitão-mor judaizante*. Centro de Estudos Judaicos/USP, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Lembranças...Presente do Passado*. São Paulo: Hebraica/Smkuler, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Judeus*. Série: Imigrantes no Brasil. Lazuli/Cia. Editora Nacional, 2005.
- RATTNER, H. *Tradição e Mudança: a Comunidade judaica em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1977.
- SORJ, Bila (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- STILLMAN, Norman. *The Jews of Arab in Modern Times*, Philadelphia: Jewish Publication Society, 1991.
- \_\_\_\_\_. *The Jews of Arab Lands: A History and Source Book*, Philadelphia: Jewish Publication Society, 1979.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

34. Entre as famílias que buscaram São Paulo no período, havia nomes de expressividade financeira e bancária.

